

## TERNÁRIO COLONIAL: UM ESTUDO COMPARATIVO DE TRÊS FIGURAS MÁGICAS COLONIAIS

**AUTOR:** Marcos Paulo da Silva Oliveira    **ORIENTADOR:** Angelo Adriano Faria de Assis

ODS5

Pesquisa

### Introdução

No Brasil colonial, a imagem da mulher esteve ligada à fragilidade moral e à proximidade com o pecado, visão reforçada pela Igreja Católica e pelo Tribunal do Santo Ofício. Esse discurso justificava a repressão a práticas de cura, religiosidade popular e saberes considerados mágicos.

Este trabalho analisa as trajetórias de Maria Gonçalves Cajada, Maria Gonçalves Vieira e da índia Sabina, acusadas de feitiçaria. A partir de fontes inquisitoriais e da historiografia recente, investiga-se como essas mulheres transformaram o saber mágico em ferramenta de resistência, poder simbólico e sobrevivência frente às opressões da sociedade colonial.

### Objetivos

- Compreender como práticas mágico-religiosas funcionaram como estratégias de sobrevivência, poder e resistência para mulheres no Brasil colonial.
- Analisar comparativamente as trajetórias de Maria Gonçalves Cajada, Maria Gonçalves Vieira e Sabina.
- Identificar as redes de apoio e mecanismos de inserção dessas mulheres em suas comunidades.
- Discutir o papel da repressão inquisitorial e das normas sociais na construção de suas histórias.

### Material e Métodos ou Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem comparativa inspirada em Natalie Zemon Davis, voltada à análise de trajetórias femininas à margem da ordem social. Utiliza fontes inquisitoriais e devassas, como os processos de Cajada, Vieira e Sabina, além de estudos historiográficos sobre gênero, religiosidade e Inquisição. A metodologia combina leitura crítica de fontes primárias com revisão bibliográfica, buscando identificar formas de resistência e atuação simbólica dessas mulheres no contexto da repressão colonial.

### Apoio Financeiro

### Resultados e/ou Ações Desenvolvidas

#### Maria Gonçalves Cajada (Séc. XVI)

- Portuguesa, cristã-velha, degredada para o Brasil.
- Famosa por feitiços amorosos, invocação do Diabo, manipulação de objetos mágicos.
- Sofreu três degredos e perseguição por práticas mágicas.
- Figura contraditória: procurada por mulheres, mas também denunciada por elas.

#### Sabina (Séc. XVIII)

- Curandeira indígena do Grão-Pará.
- Atendeu o próprio governador com sucesso.
- Pouca rede formal de apoio, mas prestígio público a protegia.
- Apesar disso, foi denunciada várias vezes.

#### Maria Gonçalves Vieira (Séc. XVIII)

- Mulher preta, forra, calunduzeira e juíza de irmandade.
- Realizava rituais de cura, adivinhação e resolução de conflitos amorosos.
- Tinha forte rede comunitária e proteção social local.
- Foi presa, mas contou com muitos depoimentos a seu favor.

### Conclusões

Parte-se da hipótese de que as práticas mágico-religiosas exercidas por Maria Gonçalves Cajada, Maria Gonçalves Vieira e a índia Sabina não se limitavam a manifestações de religiosidade popular, mas funcionavam como estratégias conscientes de afirmação, proteção e sobrevivência. Diante da repressão inquisitorial, do patriarcado e das desigualdades sociais e raciais, essas mulheres utilizaram o saber mágico como forma de construir vínculos comunitários, conquistar prestígio simbólico e negociar sua permanência em contextos hostis. Ainda que separadas por tempo, etnia e posição social, suas histórias revelam experiências comuns de resistência e agenciamento feminino na sociedade colonial.

### Bibliografia

- DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na Colônia. In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.
- MELLO E SOUZA, Laura de. Inferno Atlântico: demonologia e colonização. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- ARAÚJO, Gilmara C. de. Artes mágicas na Bahia quinhentista: o caso de Maria Gonçalves Cajada. UFS, 2016.
- OLIVEIRA, Vanessa C. A. de. A índia Sabina e a Visitação Inquisitorial do Grão-Pará. UEG, 2023.
- SOUSA, Giulliano Gloria de. Tidas e havidas por feiticeiras: mulheres pretas e mestiças acusadas de feitiçaria nas Minas Gerais colonial. Curitiba: Fino Traço Editora, 2025..
- DAVIS, Natalie Z. Nas Margens. São Paulo: Cia das Letras, 2021.